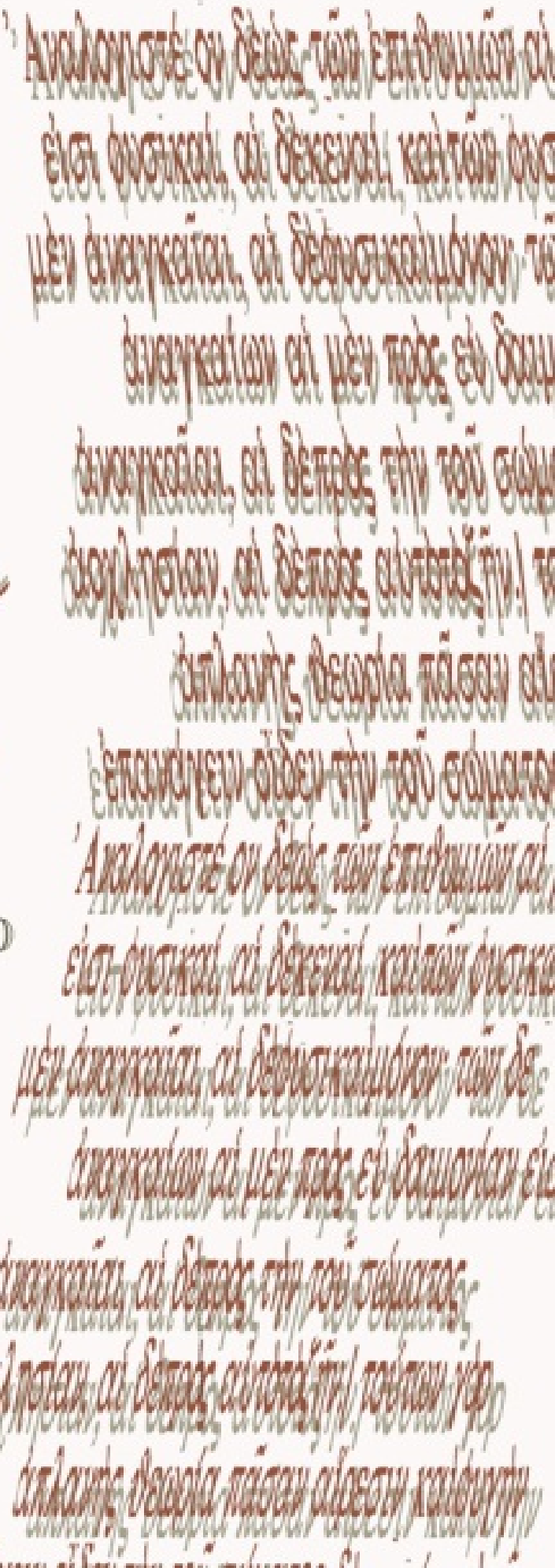
EPICURO

Carta sobre a Felicidade

(A MENECEU)

Editora UNESP



Carta sobre a felicidade

(a Meneceu)

FUNDAÇÃO EDITORA DA UNESP

Presidente do Conselho Curador
Herman Jacobus Cornelis Voorwald

Diretor-Presidente
José Castilho Marques Neto

Editor-Executivo
Jézio Hernani Bomfim Gutierre

Assessor Editorial
Antonio Celso Ferreira

Conselho Editorial Acadêmico
Alberto Tsuyoshi Ikeda
Célia Aparecida Ferreira Tolentino
Eda Maria Góes
Elisabeth Criscuolo Urbinati
Ildeberto Muniz de Almeida
Luiz Gonzaga Marchezan
Nilson Ghirardello
Paulo César Corrêa Borges
Sérgio Vicente Motta
Vicente Pleitez

Editores-Assistentes
Anderson Nobara
Henrique Zanardi Jorge
Pereira Filho

EPICURO

Carta sobre a felicidade (a Meneceu)

Tradução e apresentação de Álvaro Lorencini e Enzo Del Carratore

2ª reimpressão

Fundação Editora da UNESP (FEU)
Praça da Sé, 108
01001-900 – São Paulo – SP
Tel.: (0xx11) 3242-7171
Fax: (0xx11) 3242-7172
www.editoraunesp.com.br
www.livrariaunesp.com.br
feu@editora.unesp.br

(Texto baseado na edição de G. Arrighetti, *Epicuro. Opere*, Torino, 1973.)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Epicuro

Carta sobre a felicidade: (a Meneceu) / Epicuro; tradução e apresentação de Álvaro Lorencini e Enzo Del Carratore. – São Paulo: Editora UNESP, 2002.

Título original: Lettera sulla felicità. Texto baseado na edição de G. Arrighetti.

289 Kb ; ePUB

ISBN: 978-85-393-0279-6

1. Epicuro – Crítica e interpretação 2. Felicidade 3. Filosofia antiga I. Lorencini, Álvaro. II. Carratore, Enzo Del.

III. Arrighetti, G. IV. Título.

02-2880

CDD-187

Índices para catálogo sistemático:

1. Epicurismo: Filosofia antiga 187
2. Filosofia epicurista: Filosofia antiga 187

Editora afiliada:

Introdução

Cronologia de Epicuro

Epicuro nasceu em 341 a. C., na ilha grega de Samos, mas sempre ostentou a cidadania ateniense herdada do pai emigrante. Em Samos, ele passou a infância e a juventude iniciando os estudos de filosofia com o acadêmico Pânfilo, filósofo platônico cujas lições seguiu dos 14 aos 18 anos.

Ao atingir essa idade, em 323, Epicuro transfere-se para Atenas, a fim de cumprir os dois anos obrigatórios do treinamento militar destinado aos efebos. Nessa mesma condição, encontra como colega de turma o futuro dramaturgo Menandro, de quem se torna amigo. É em Atenas, capital cultural da Grécia Antiga, que Epicuro irá também encontrar os grandes filósofos ainda em atividade após o desaparecimento de Sócrates e Platão (com exceção de Aristóteles, banido da cidade e refugiado em Cálcis, onde viria a falecer no ano seguinte), desde Teofrasto, o sucessor de Aristóteles no Liceu, até Xenócrates, diretor da Academia, cujos ensinamentos ele certamente seguiu.

Em 322, após a morte de Alexandre Magno, o sucessor deste decide expulsar de Samos todos os colonos atenienses, entre os quais a família inteira de Epicuro. É então que este decide abandonar Atenas para ir juntar-se a seus familiares desterrados em Cólofon, na costa asiática.

Próximo dali, em Teos, Epicuro passa a acompanhar os ensinamentos de Nausífanes, filosófo atomista que o inicia no pensamento de Demócrito, que de início o entusiasma, mas cuja revisão ele já começa a empreender ao fundar sua própria escola em Cólofon.

Entre 311 e 310, tenta fundar outra escola em Mitilene, na lendária ilha de Lesbos, mas é impedido pelos aristotélicos que ali pontificavam. Muda-se então para Lâmpsaco, nos Dardanelos, onde também entra em choque, desta vez com os platônicos, mas consegue, assim mesmo, instalar uma escola. É

aqui, e nesta época, que ele conquista seus adeptos mais ilustres, que passarão a acompanhá-lo pelo resto da sua existência: Hermarco, Colotes, Metrodoro, Pítocles e Heródoto (estes dois últimos, por sinal, ao lado de Meneceu, são justamente os destinatários privilegiados das três célebres cartas que costumam ser apontadas como a súmula do pensamento epicurista).

No ano 306, Epicuro regressa finalmente a Atenas, onde adquire uma ampla casa logo acrescida de um grande jardim, para o fim exclusivo de instalar aquela que viria a ser a sua célebre escola ateniense, muito logo conhecida como "O Jardim de Epicuro". Enquanto na casa habitavam os mestres, ou seja, além do próprio Epicuro, também os antigos discípulos, Hermarco e Metrodoro, entre os mais ilustres, no amplo jardim, acampados em barracas e cultivando hortaliças, instalavam-se os novos discípulos vindos das mais distantes regiões. Após a morte de Epicuro, aos 72 anos de idade, em 270 a. C., foi o fiel Hermarco quem o sucedeu na direção da escola.

A doutrina de Epicuro

A presente *Carta sobre a felicidade*, para além de sua significação intrínseca, não deixa de ser um documento absolutamente decisivo para desfazer aquele equívoco que uma tradição apressada costuma associar à doutrina epicurista, quase sempre confundida com o gozo imoderado dos prazeres mundanos, como se não se distinguisse do hedonismo puro e simples. Além das explícitas menções em contrário, que o próprio texto da carta não deixa de registrar, são inúmeros os testemunhos fidedignos atestando que, no célebre "Jardim de Epicuro", vicejava uma autêntica comunidade, onde mestre e discípulos viviam de maneira quase ascética, consumindo apenas as hortaliças que eles próprios cultivavam, às quais acrescentavam apenas pão e água, ou ainda queijo em ocasiões especiais. Seja como for, não há dúvida de que a real importância da doutrina epicurista está muito longe de consubstanciar-se em aspectos puramente circunstanciais como esses, que chegam a resvalar para o campo do anedótico. Nesse sentido, a carta que aqui se apresenta não deixa de repor as coisas em seus devidos lugares.

Por outro lado, durante longo tempo e de maneira quase similar, outra tradição não menos equivocada costumava insistir na tese de considerar Epicuro como um simples e superficial imitador de Demócrito, o qual seria, este sim, o filósofo original e profundo, o verdadeiro criador do atomismo. Curiosamente, foi Karl Marx, na sua tese de doutorado sobre *A relação entre a filosofia de Epicuro e a de Demócrito*, quem primeiro procurou desfazer esse equívoco, chegando até a inverter totalmente os papéis tradicionais. Segundo Marx, a teoria atômica de Demócrito, que se distingue primeiramente pela crença universal na lei de causa e efeito, aplica-se indistintamente tanto ao mundo da natureza quanto ao homem. Portanto, Demócrito, do ponto de vista filosófico, pode ser imediatamente considerado determinista ou fatalista. Quanto a Epicuro, se é verdade que aceitava a teoria de Demócrito na parte referente à constituição e ao comportamento da matéria, por outro lado, repelia veementemente o determinismo e o fatalismo. Mais uma vez, essa rejeição aparece explícita na nossa *Carta sobre a felicidade*, quando se diz que "mais vale aceitar o mito dos deuses, do que ser escravo do destino dos naturalistas". Com efeito, na sua descrição do átomo, Epicuro não deixa de preservar a vontade humana e a liberdade individual, incluindo em seu sistema a sociedade e a consciência moral. Hoje parece não haver dúvida de que esses e outros aspectos tiveram influência decisiva na própria formação do pensamento marxista.

Tal como foi originalmente criado, sem qualquer outra contribuição posterior, o epicurismo sobreviveu por cerca de sete séculos no mundo greco-romano, tendo encontrado em Lucrécio, Sêneca e Cícero seus mais ilustres discípulos tardios.

A carta sobre a felicidade

Ao lado de uma *Carta a Heródoto*, tratando da física atômica, e de uma *Carta a Pítocles*, a propósito dos fenômenos celestes, esta *Carta a Meneceu*, de Epicuro a outro de seus discípulos, é mais conhecida como *Carta sobre a felicidade*, já que versa justamente sobre a conduta humana tendo em vista alcançar a tão almejada "saúde do espírito".

Inicia-se a carta por uma decidida exortação ao exercício da filosofia, considerada desde logo como uma disciplina cuja única meta é justamente tornar feliz o homem que a pratica, de tal modo que este deve cultivá-la durante todo o transcurso de sua existência, desde a mais tenra juventude até a idade mais avançada. Após esse exórdio, o filósofo passa a transmitir para o discípulo aqueles tópicos que considera essenciais para essa busca permanente da felicidade, a começar pela crença na existência dos deuses, considerados entes imortais e bem-aventurados.

No tópico seguinte, aparece a morte, apresentada como o mais aterrador dos males. Torna-se absolutamente necessário vencer esse medo da morte; ninguém deve temê-la, uma vez que não há nenhuma vantagem em viver eternamente: o que importa não é a duração, mas a qualidade da vida.

Desfilam, em seguida, as várias modalidades de desejo, acompanhadas da necessidade imperiosa de controlá-lo, tendo em mira tanto a saúde do corpo quanto a tranquilidade do espírito, o que, por outro lado, não deixa de ser também uma boa definição do próprio prazer, tal como Epicuro o concebe. O prazer, como bem principal e inato, não é algo que deva ser buscado a todo custo e indiscriminadamente, já que às vezes pode resultar em dor. Do mesmo modo, uma dor nem sempre deve ser evitada, já que pode resultar em prazer.

De qualquer maneira, recomenda-se uma conduta comedida em relação aos prazeres, valendo, para este caso, aquele mesmo princípio da qualidade em detrimento da quantidade.

Finalmente, o homem sábio, para Epicuro, jamais deve acreditar cegamente no destino e na sorte como se estes fossem fatalidades inexoráveis e sem esperança, parecendo despontar aqui aquela sua crença na vontade e na liberdade do homem.

Eis aí, em suma, os pontos essenciais sobre os quais Epicuro exorta Meneceu, garantindo-lhe que a prática correta de tais ensinamentos será capaz não só de levá-lo à mais completa felicidade, mas até mesmo a sentir-se como um deus imortal entre os homens mortais.

Περί της ευδαιμονίας

'Επίκουρος Μενοικει χαιρεΐν.

Μήτε νεος τις ών μελλετω φιλοσοφείν, μήτε γερων υπάρχων κοπιάτω φιλοσοφών. ουτε γαρ άωρος ουδεις εστιν ουτε πάρωρος προς το κατά ψυχήν υγιαινον. ο δε λεγων ή μήπω του φιλοσοφειν υπάρχειν ωράν ή πάρεληλυΦενάι την ωράν, ομοιος εστιν τω λεγοντι προς ευδάιμονιάν ή μή πάρεινάι την ωράν ή μηκετι εινάι. ωστε φιλοσοφητεον κάι νεω κάι γεροντι, τω μεν οπως γηράσκων νεάζη τοις άγάΦοις διά την χάριν των γεγονότων, τω δε οπως νεος άμά κάι πάλάιος η διά την άφοβιάν των μελλοντωνμελετάν οΰν χρή τα ποιοΰντά την εΰδάίμονίάν, είπερ παροΰσής μεν αΰτής πάντα εχομεν, άποΰσής δε πάντα πράττομεν εις το ταΰτήν εχειν.|

"Λ δε σοι σΰνεχώς πάρήγγελλον, τάΰτά κάί πράττε κάι μελετά, στοιχειά τοΰ κάλώς ζήν τάΰτ ' εινάι διάλάμβάνων.

Πρώτον μεν τον Φεον ζψον άφΦάρτον κάι μάκάριον νομιζών, ώς ή κοινή τοΰ Φεοΰ νοήσις ΰπεγράφή, μήΦεν μήτε τής άφΦάρσιάς άλλοτριον μήτε τής μάκάριοτήτος άνοικειον άΰτφ προσάπτεπάν δέ το φυλάττειν αυτού δυνάμενον την μετά αφθαρσίας μακαριότητα περί αυτον δοξαζε. Jeol μεν γαρ έισίν εναργης γαρ αυτών εστιν η γνώσις· οίους δ ' αυτους <οι> πολλοί νομίζουσιν, ουκ εισιν ου γαρ φυλαττουσιν αυτους οιους νοουσιν. ασεβης δε ουχ ο τους τών πολλών Φεους αναιρών, αλλ' ο τας τών πολλών δοξας Φεος προσαπτών.| ου γαρ προληψεις εισιν αλλ υπολήψεις ψευδείς αι τών πολλών υπερ Φεών αποφασεις. Ένφεν αι μεγισται βλαβαι [αιτιαι τοις κακοις] εκ Φεών επαγονται και ώφελειαι. ταις γαρ ιδιαις οικειουμενοι δια παντος αρεταις τους ομοιους αποδέχονται, πάν το μή τοιούτον ώς άλλότριον νομίζοντές.

ΣυνέΦιζέ δέ έν τω νομΙζέιν μήδέν προς ήμάς έΐναι τον θάνατον έπέι πάν αγαΦον και κακον έν α'ισΦήσέν στέρήσις δέ έστιν αισΦήσέώς ο θανατος. οΦέν γνώσις ορΦή του μήΦέν έΐναι προς ήμας τον θανατον απολαυστον ποιέι το τής ζώής Φνητον, ουκ απέιρον προστιΦέισα χρονον, αλλα τον τής

αΦανασιας αφέλομένή ποΦον.| ουΦέν γαρ έστιν έν τω χατέιλήφοτι γνήσιώς το μήδέν υπαρχέιν έν τω μή ζήν δέινον. ώστέ ματαιος ο λέγών δέδιέναι τον θανατον ουχ οτι λυπήσέι παρών, αλλ ' οτι λυπεί μέλλων. ο γαρ παρόν ουκ ενοχλεί, προσδοκώμενον κενως λυπεί. το φρίκωδέστατον ουν των κακών ο θάνατος ουΦεν προς ήμας, επείδήπερ οταν μεν ημείς, ωμεν ο θανατος ου παρεστίν, οταν δε ο θάνατος παρη, τοΦ ημείς ουκ εσμεν. ουτε ουν προς τους τετελευτηκοτας, επείδήπερ περί ους μεν ουκ εστίν, οί δ ουκετί είσίν. αλλ ' οί πολλοί τον θανατον οτε μεν ως μεγίστον των κακων φευγουσίν, οτε δε ως αναπαυσίν των εν τω ζήν <κακων αίρουνταί, ο δε σοφος ούτε παραιτείται το ζήν>| ούτε φοβείται το μή ζην. ούτε γαρ αύτω προσίσταται το ζην ούτε δοξαζεται κακον είναι τι το μή ζήν. οΰσπερ δε το σιτιον ού το πλειστον παντως αλλα το ήδιστον αιρειται, ούτω και χρόνον ού τον μήκιστον αλλα τον ήδιστον καρπιζεται.

' Ο δε παραγγελλων τον μεν νεον καλως ζήν, τον δε γεροντα καλως καταστρεφειν, εύήφής εστιν ού μονον δια το τής ζωής ασπαστον, αλλα και δια το τήν αύτήν είναι μελετήν τού καλως ζήν και τού καλως αποΦνήσκειν. πολύ δε χείρων καί ο λεγων καλον μή φύναι, φύτα δ 'οπως οοκιστα πύλας Λίδαο περήσαι.

ει μεν γαρ πεποιθώς τούτο φήσιν, πώς ούκ απέρχεται εκ τού ζήν; εν ετοίμω γαρ αύτω τούτ ' εστίν, είπερ ήν βεβούλεύμενον αύτω βεβαίως· ει δε μώκώμενος, ματαιος εν τοις ούκ επιδεχομενοις.

Μνήμονεύτεον δε ώς το μελλον ούτε παντώς ήμετερον ούτε παντώς ούχ ήμετερον, ινα μήτε παντώς προσμενώμεν ώς εσομενον μήτε απελπιζώμεν ώς παντώς ούκ εσομενον.

' Λναλογιστέον δέ ώς τών έπνθυμιών ai μέν έισι φυσικαΐ, ai δέ κέναί, καΐ τών φυσικών αι μέν αναγκαιαι, αι δέ φυσικαι μονον τών δέ αναγκαιών αι μέν προς έυδαιμονιαν έισι ν αναγκαιαι, αι δέ προς την του σώματος αοχλησιαν, αι δέ προς αυτο το ζην.| τουτών γαρ απλανής Φέώρια πασαν αιρέσιν και φυγην έπαναγέιν οιδέν έπι την του σώματος υγιέιαν και την της ψυχης αταραξιαν, έπέι τουτο του μακαριώς ζην έστι τέλος. τουτου γαρ χαριν παντα πραττομέν, οπώς μητέ αλγώμέν μητέ ταρβώμέν. οταν δέ απαξ τουτο πέρι ημας γένηται, λυέται πας ο της ψυχης χέιμών, ουκ έχοντος τού ζώου βαδίζειν ώς προς ενδεον τι και ζητεΐν έτερον ώ το τής ψυχής και toU σώματος αγαΦον συμπλήρώσεται. τοτε γαρ ήδονής χρειαν εχομεν, οταν εκ

του μή παρειναι τήν ήδονήν αλγώμεν <οταν δε μή αλγώμεν> ουκετι τής ήδονής δεομεΦα.

Και δια τουτο τήν ήδονήν αρχήν και τελος λεγομεν είναι του μακαριώς ζήν.| ταυτήν γαρ αγαΦον πρώτον και συγγενικον εγνώμεν, και απο ταυτής καταρχομεΦα πασής α'ιρεσεώς και φυγής, και επι ταυτήν καταντώμεν ώς κανόνι τώ παΦει παν αγαΦον κρινοντες. Και επει πρώτον αγαΦον τουτο και συμφυτον, δια τουτο και ου πασαν ήδονήν αιρουμεΦα, άλλ ' έστιν ότε πολλάς ηδονάς ύπερβάινομεν, Οτάν πλεΐον ημΐν το δυσχερές εκ τούτων επητάι· καΙ πολλάς άλγηδόνας ηδονων κρειττους νομίζομεν, επειδάν μείζων ημίν ηδονη πάράκολούΦη πολύν χρονον ύπομείνάσι τάς άλγηδονάς. πάσά ούν ηδονη διά το φύσιν εχειν οικειάν άγάΦον, ού πάσά μεντοι άΙρετη· κάΦάπερ κάι άλγηδων πάσά κάκον, ού πάσά δε άει φεύκτη πεφύκύϊά. | τη μεντοι σύμμετρησει κάι σύμφεροντων κάι άσύμφορων βλεψει τάύτά πάντά κρινειν κάΦηκει. χρωμεΦά γάρ τω μεν άγάΦω κάτά τινάς χρονούς ως κάκω τω δε κάκω τούμπάλιν ως άγάΦω.

Kai την αϋτάρκειαν δέ ayaJòv μέγα νομιζομέν, ουχ' Ινα πάντως τοις ολίγοις χρωμέΦα αλλ ' Οπως, έάν μη έχωμεν τα πολλά, τοις ολίγοις αρκωμέΦα, πέπέισμένοι γνησίως οτι ηδιστα πολυτέλέιας άπολαύουσιν οι ήκιστα ταυτης δέομένοι, και οτι το μέν φυσικον παν έύποριστον έστι, το δέ κένον δυσποριστον, οι τέ λιτοι χυλοι ισην πολυτέλέΐ διαιτη την ήδονήν έπιφέρουσιν, οταν απαξ το αλγουν κατ' ένδέιαν έξαιρέ$η,| και μαζα και υδωρ την ακροτατην αποδιδωσιν ηδονην, έπέίδαν ένδέων τις αυτα προσένέγκηται. το συνεύάζέιν ουν έν ταις απλαις και ου πολυτέλέσι διαιταις και υγιέιας εστί συμπληρωτικον και πρός· τάς αναγκαίας toU βίου χρήσεις αοκνον ποιεί τόν άνΦρωπον και τοις πολυτελεσιν εκ διαλειμμάτων προσερχομενοις κρειττον ημας διατιΦησι και προς την τυχην αφοβους παρασκευαζει.

"Οταν ουν λεγωμεν ηδονην τελος υπαρχειν, ου τας των ασωτων ηδονας και τας εν απολαυσει κειμενας λεγομεν, ως τινες αγνοουντες και ουχ ομολογουντες η κακως εκδεχομενοι νομιζουσιν, αλλα το μητε αλγειν κατα σωμα μητε ταραττεσΦαι κατα ψυχην. | oU γαρ πότοι και κώμοι συνειροντες οϋδ ' απολαύσεις παιδών και γυναικών oUd ' ΊχΦυ<ών και τών αλλών οσα φερει πολυτελής τράπεζα, τον ηδυν γεννά βιον, αλλα νήφών λογισμος και

τας αιτιας εξερευνών πασης αιρεσεώς και φυγής και τας δοξας εξελαυνών, εξ ών πλειστος τας ψυχας καταλαμβανει Φορυβος.

Τουτών δε παντών αρχή και το μεγιστον αγαΦον φρονησις. διο και φιλοσοφιας τιμιώτερον υπαρχει φρονησις, εξ ης αι λοιπαι πασαι πεφυκασιν αρεται, διδασκουσα ώς ουκ εστιν ήδεώς ζην ανευ του φρονιμώς και καλώς και δικαιώς, <ουδε φρονιμώς και καλώς και δικαιώς> άνευ τού ήδεως. συμπεφύκασι γαρ αι άρεταί τ% ζήν ήδεως καΐ το ζήν ήδεως τούτων έστιν αχωριστον.

' Επεί τίνα νομίζεις είναι κρείττονα τού και περί Φεωίν οσια δοξαζοντος και περί Φανατού δια παντος αφόβως εχοντος και το τής φύσεως επιλελογισμενου τελος και το μεν των αγαΦων περας ως εστιν εύσύμπλήρωτον τε και εύποριστον διαλαμβανοντος, το δε των κακων ως ή χρονούς ή πονούς εχει βραχείς; τήν δε ύπο τίνων δεσποτιν εισαγομενήν παντων αγγελλοντος... «ων α μεν παρ ' αναγκήν εστίν,> α δε απο τύχής, α δε παρ ' ήμας, δια το τήν μεν αναγκήν ανύπεύΦύνον είναι, τήν δέ τύχην αστατον όράν, το δέ παρ ημάς άδέσποτον, ω και τό μέμπτόν και τό εναντίον παρακολούΦείν πέφύκέν.

' Επέί κρέίττον ην τω πέρί Jewn μύΦω κατακολούΦείν ή τή τWν φύσίκWν ειμαρμένη δούλεύείν ο μέν γαρ έλπίδα παραιτήσέως ύπογραφεί Φέόν δία τίμής, ή δέ απαραίτητον έχέί την αναγκην. την δέ τύχην ούτέ Φέον, Wj οί πολλοί νομίζούσίν, ύπολαμβανωv, - ούΦέν γαρ ατακτως Φέω πραττέταί - ούτέ αβέβαίον αίτίαν, <ούκ> οίέταί μέν γαρ αγαΦον η κακον έκ ταύτης προς το μακαρίως ζην avJpWποίς δίδοσΦαί, αρχας μέντοί μέγαλwν αγαύ«ν η κακWν ύπο ταύτης χορηγέίσΦαί· | κρεΐττον είναι νομίζει εϋλογίστως άτυχεΐν ή άλογίστως εϋτυχείν βελτιον γαρ εν ταίς πράξεσι το καλως κριΦεν <μή ορΦωΦήναι ή το μή καλως κριΦεν> ορΦωΦήναι δια ταυτήν.

Ταυτα ουν και τα τούτοις συγγενή μελετα προς σεαυτον ήμερας και νυκτος <και> προς τον ομοιον σεαυτψ, και ουδεποτε ουΦ' υπαρ ουτ 'ονάρ διαταραχΦήση, ζήση δε ως Φεος εν ανΦρωποις. ουΦεν γαρ εοικε Φνήτψ ζφφ ζων ανΦρωπος εν αΦανατοις αγαΦοις.

Carta sobre a felicidade (a Meneceu)

Epicuro envia suas saudações a Meneceu

Que ninguém hesite em se dedicar à filosofia enquanto jovem, nem se canse de fazê-lo depois de velho, porque ninguém jamais é demasiado jovem ou demasiado velho para alcançar a saúde do espírito. Quem afirma que a hora de dedicar-se à filosofia ainda não chegou, ou que ela já passou, é como se dissesse que ainda não chegou ou que já passou a hora de ser feliz. Desse modo, a filosofia é útil tanto ao jovem quanto ao velho: para quem está envelhecendo sentir-se rejuvenescer por meio da grata recordação das coisas que já se foram, e para o jovem poder envelhecer sem sentir medo das coisas que estão por vir; é necessário, portanto, cuidar das coisas que trazem a felicidade, já que, estando esta presente, tudo temos, e, sem ela, tudo fazemos para alcançá-la.

Pratica e cultiva então aqueles ensinamentos que sempre te transmiti, na certeza de que eles constituem os elementos fundamentais para uma vida feliz.

Em primeiro lugar, considerando a divindade como um ente imortal e bem-aventurado, como sugere a percepção comum de divindade, não atribuas a ela nada que seja incompatível com a sua imortalidade, nem inadequado à sua bem-aventurança; pensa a respeito dela tudo que for capaz de conservar-lhe felicidade e imortalidade.

Os deuses de fato existem e é evidente o conhecimento que temos deles; já a imagem que deles faz a maioria das pessoas, essa não existe: as pessoas não costumam preservar a noção que têm dos deuses. Ímpio não é quem rejeita os deuses em que a maioria crê, mas sim quem atribui aos deuses os falsos juízos dessa maioria. Com efeito, os juízos do povo a respeito dos deuses não se baseiam em noções inatas, mas em opiniões falsas. Daí a crença de que eles causam os maiores malefícios aos maus e os maiores benefícios aos bons. Irmanados pelas suas próprias virtudes, eles só aceitam a convivência com os seus semelhantes e consideram estranho tudo que seja diferente deles.

Acostuma-te à ideia de que a morte para nós não é nada, visto que todo bem e todo mal residem nas sensações, e a morte é justamente a privação das sensações. A consciência clara de que a morte não significa nada para nós

proporciona a fruição da vida efêmera, sem querer acrescentar-lhe tempo infinito e eliminando o desejo de imortalidade.

Não existe nada de terrível na vida para quem está perfeitamente convencido de que não há nada de terrível em deixar de viver. É tolo, portanto, quem diz ter medo da morte, não porque a chegada desta lhe trará sofrimento, mas porque o aflige a própria espera: aquilo que não nos perturba quando presente não deveria afligir-nos enquanto está sendo esperado.

Então, o mais terrível de todos os males, a morte, não significa nada para nós, justamente porque, quando estamos vivos, é a morte que não está presente; ao contrário, quando a morte está presente, nós é que não estamos. A morte, portanto, não é nada, nem para os vivos, nem para os mortos, já que para aqueles ela não existe, ao passo que estes não estão mais aqui. E, no entanto, a maioria das pessoas ora foge da morte como se fosse o maior dos males, ora a deseja como descanso dos males da vida.

O sábio, porém, nem desdenha viver, nem teme deixar de viver; para ele, viver não é um fardo e não viver não é um mal.

Assim como opta pela comida mais saborosa e não pela mais abundante, do mesmo modo ele colhe os doces frutos de um tempo bem vivido, ainda que breve.

Quem aconselha o jovem a viver bem e o velho a morrer bem não passa de um tolo, não só pelo que a vida tem de agradável para ambos, mas também porque se deve ter exatamente o mesmo cuidado em honestamente viver e em honestamente morrer. Mas pior ainda é aquele que diz: bom seria não ter nascido, *mas, uma vez nascido, transpor o mais depressa possível as portas do Hades.*

Se ele diz isso com plena convicção, por que não se vai desta vida? Pois é livre para fazê-lo, se for esse realmente seu desejo; mas se o disse por brincadeira, foi um frívolo em falar de coisas que brincadeira não admitem.

Nunca devemos nos esquecer de que o futuro não é nem totalmente nosso, nem totalmente não nosso, para não sermos obrigados a esperá-lo como se

estivesse por vir com toda a certeza, nem nos desesperarmos como se não estivesse por vir jamais.

Consideremos também que, dentre os desejos, há os que são naturais e os que são inúteis; dentre os naturais, há uns que são necessários e outros, apenas naturais; dentre os necessários, há alguns que são fundamentais para a felicidade, outros, para o bem-estar corporal, outros, ainda, para a própria vida. E o conhecimento seguro dos desejos leva a direcionar toda escolha e toda recusa para a saúde do corpo e para a serenidade do espírito, visto que esta é a finalidade da vida feliz: em razão desse fim praticamos todas as nossas ações, para nos afastarmos da dor e do medo.

Uma vez que tenhamos atingido esse estado, toda a tempestade da alma se aplaca, e o ser vivo, não tendo que ir em busca de algo que lhe falta, nem procurar outra coisa a não ser o bem da alma e do corpo, estará satisfeito. De fato, só sentimos necessidade do prazer quando sofremos pela sua ausência; ao contrário, quando não sofremos, essa necessidade não se faz sentir.

É por essa razão que afirmamos que o prazer é o início e o fim de uma vida feliz. Com efeito, nós o identificamos como o bem primeiro e inerente ao ser humano, em razão dele praticamos toda escolha e toda recusa, e a ele chegamos escolhendo todo bem de acordo com a distinção entre prazer e dor.

Embora o prazer seja nosso bem primeiro e inato, nem por isso escolhemos qualquer prazer: há ocasiões em que evitamos muitos prazeres, quando deles nos advêm efeitos o mais das vezes desagradáveis; ao passo que consideramos muitos sofrimentos preferíveis aos prazeres, se um prazer maior advier depois de suportarmos essas dores por muito tempo. Portanto, todo prazer constitui um bem por sua própria natureza; não obstante isso, nem todos são escolhidos; do mesmo modo, toda dor é um mal, mas nem todas devem ser sempre evitadas. Convém, portanto, avaliar todos os prazeres e sofrimentos de acordo com o critério dos benefícios e dos danos. Há ocasiões em que utilizamos um bem como se fosse um mal e, ao contrário, um mal como se fosse um bem.

Consideramos ainda a autossuficiência um grande bem; não que devamos nos satisfazer com pouco, mas para nos contentarmos com esse pouco caso não tenhamos o muito, honestamente convencidos de que desfrutam melhor a abundância os que menos dependem dela; tudo o que é natural é fácil de conseguir; difícil é tudo o que é inútil.

Os alimentos mais simples proporcionam o mesmo prazer que as iguarias mais requintadas, desde que se remova a dor provocada pela falta: pão e água produzem o prazer mais profundo quando ingeridos por quem deles necessita.

Habituar-se às coisas simples, a um modo de vida não luxuoso, portanto, não só é conveniente para a saúde, como ainda proporciona ao homem os meios para enfrentar corajosamente as adversidades da vida: nos períodos em que conseguimos levar uma existência rica, predispõe o nosso ânimo para melhor aproveitá-la, e nos prepara para enfrentar sem temor as vicissitudes da sorte.

Quando então dizemos que o fim último é o prazer, não nos referimos aos prazeres dos intemperantes ou aos que consistem no gozo dos sentidos, como acreditam certas pessoas que ignoram o nosso pensamento, ou não concordam com ele, ou o interpretam erroneamente, mas ao prazer que é ausência de sofrimentos físicos e de perturbações da alma. Não são, pois, bebidas nem banquetes contínuos, nem a posse de mulheres e rapazes, nem o sabor dos peixes ou das outras iguarias de uma mesa farta que tornam doce uma vida, mas um exame cuidadoso que investigue as causas de toda escolha e de toda rejeição e que remova as opiniões falsas em virtude das quais uma imensa perturbação toma conta dos espíritos. De todas essas coisas, a prudência é o princípio e o supremo bem, razão pela qual ela é mais preciosa do que a própria filosofia; é dela que originaram todas as demais virtudes; é ela que nos ensina que não existe vida feliz sem prudência, beleza e justiça, e que não existe prudência, beleza e justiça sem felicidade. Porque as virtudes estão intimamente ligadas à felicidade, e a felicidade é inseparável delas.

Na tua opinião, será que pode existir alguém mais feliz do que o sábio, que tem um juízo reverente acerca dos deuses, que se comporta de modo absolutamente indiferente perante a morte, que bem compreende a

finalidade da natureza, que discerne que o bem supremo está nas coisas simples e fáceis de obter, e que o mal supremo ou dura pouco, ou só nos causa sofrimentos leves? Que nega o destino, apresentado por alguns como o senhor de tudo, já que as coisas acontecem ou por necessidade, ou por acaso, ou por vontade nossa; e que a necessidade é incoercível, o acaso, instável, enquanto nossa vontade é livre, razão pela qual nos acompanham a censura e o louvor?

Mais vale aceitar o mito dos deuses, do que ser escravo do destino dos naturalistas: o mito pelo menos nos oferece a esperança do perdão dos deuses por meio das homenagens que lhes prestamos, ao passo que o destino é uma necessidade inexorável.

Entendendo que a sorte não é uma divindade, como a maioria das pessoas acredita (pois um deus não faz nada ao acaso), nem algo incerto, o sábio não crê que ela proporcione aos homens nenhum bem ou nenhum mal que sejam fundamentais para uma vida feliz, mas, sim, que dela pode surgir o início de grandes bens e de grandes males. A seu ver, é preferível ser desafortunado e sábio, a ser afortunado e tolo; na prática, é melhor que um bom projeto não chegue a bom termo, do que chegue a ter êxito um projeto mau.

Medita, pois, todas estas coisas e muitas outras a elas congêneres, dia e noite, contigo mesmo e com teus semelhantes, e nunca mais te sentirás perturbado, quer acordado, quer dormindo, mas viverás como um deus entre os homens. Porque não se assemelha absolutamente a um mortal o homem que vive entre bens imortais.